
A direita radical despertou no Ceará: uma análise dos elementos simbólicos do bolsonarismo na campanha de André Fernandes para deputado estadual¹

Rafael ROCHA²

Universidade Federal do Ceará, Ceará, CE

RESUMO

Este estudo analisa a ascensão da ultradireita brasileira em 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais. O foco é na análise das estratégias discursivas do youtuber cearense André Fernandes, um dos candidatos mais votados do PSL, durante a campanha eleitoral. A pesquisa busca entender seu alinhamento aos elementos simbólicos do bolsonarismo e conservadorismo nas redes sociais, utilizando sua página no Facebook como fonte. A metodologia de Análise do Conteúdo é empregada, revelando a predominância de pautas morais populistas. O estudo contribui para a compreensão do bolsonarismo como fenômeno de comunicação eleitoral.

PALAVRAS-CHAVES: Propaganda eleitoral; Bolsonarismo; Redes sociais; Eleições locais.

INTRODUÇÃO

Em 2018, a ultradireita brasileira teve seu ápice com a vitória do deputado federal Jair Bolsonaro (PSL) nas eleições presidenciais. O capitão reformado do Exército venceu a disputa no 2º turno com 55,1% dos votos contra o petista e ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad. Nessas eleições³, acentuou-se a rejeição aos partidos e políticos tradicionais, o que resultou na maior renovação do Congresso desde a redemocratização. Paralelamente, observou-se um claro fortalecimento das posições conservadoras, levando a crer que, até o momento analisado, as casas legislativas assumiram sua postura mais conservadora desde a ditadura.

O "efeito Bolsonaro" também foi observado com seu partido, o Partido Social Liberal (PSL⁴), tornando-se a segunda maior bancada na Câmara, com 52 parlamentares,

¹ Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública da Universidade Federal do Paraná (CPOP/UFPR). E-mail: rafael_alves6@hotmail.com.

³ Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma DIAP. **Estadão**, 2014. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirmadiap,1572528>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

⁴ PSL multiplica por 4 número de deputados nas Assembleias; MDB é o que mais perde. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/08/psl-multiplica-por-4-numerode-deputados-nas-assembleias-mdb-e-o-que-mais-perde.ghtml>>. Acesso em: 07 jan. 2019.

perdendo apenas para o Partido dos Trabalhadores (PT), com 56 parlamentares. O PSL multiplicou por quatro o número de parlamentares nas assembleias estaduais, e tornou-se o partido que mais cresceu em todo o país e a terceira maior legenda em número de representantes nos estados. Além disso, o PSL conquistou a maioria nas assembleias de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Espírito Santo.

Neste quadro de ascensão da sigla de Bolsonaro, um caso merece destaque nas eleições estaduais de 2018: o youtuber cearense André Fernandes (PSL), deputado mais votado para Assembleia Legislativa do Ceará, e também o mais jovem do Brasil, com apenas 20 anos. Na época, com mais de 1 milhão e meio de seguidores em sua página do Facebook, e quase meio milhão de inscritos no YouTube, André obteve 109.742 votos na sua primeira candidatura. De acordo com os dados coletados para essa pesquisa, baseados no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), André Fernandes também foi o único deputado do PSL a estar na primeira colocação na região nordeste, último reduto do Partido dos Trabalhadores (PT).

Sabendo que a internet tem se mostrado uma ferramenta potencial nas disputas eleitorais, pois permite romper com a lógica unidirecional dos meios analógicos, estabelecendo um canal de comunicação instantâneo entre representantes e cidadãos durante o pleito (MARQUES; AQUINO; MIOLA, 2014), além de entender a importância de compreender o fenômeno do bolsonarismo e suas ramificações em contextos subnacionais, especificamente na região nordeste, que é considerada um reduto eleitoral da esquerda, em especial do Partido dos Trabalhadores (PT), surgem as seguintes questões: quais foram os elementos ideológicos desse movimento mobilizados na comunicação digital do eleito para a construção de suas imagens durante a campanha?; que elementos fizeram desse ator político um fenômeno eleitoral?

Portanto, esta pesquisa tem como objetivo analisar, por meio da página oficial do Facebook, como foram construídas as estratégias discursivas do deputado cearense supervotado, mapeando as principais ideias e posicionamentos, a fim de investigar como o perfil do candidato buscou se alinhar aos elementos simbólicos do bolsonarismo e do campo conservador na construção da sua imagem política nas redes sociais durante a campanha eleitoral.

Esta pesquisa, oriunda de uma dissertação de mestrado (ROCHA, 2020)⁵, integra uma investigação mais ampla sobre os elementos ideológicos do bolsonarismo nas campanhas eleitorais legislativas em diferentes regiões do Brasil, enfocando candidaturas de destaque em número de votos. O objetivo principal é analisar as campanhas de deputados bolsonaristas, adotando uma perspectiva comparativa, para compreender em profundidade os padrões e estratégias discursivas empregadas por esses políticos e sua relação com o eleitorado. Além disso, a pesquisa busca oferecer uma proposta metodológica relevante para futuros estudos eleitorais.

UMA INTRODUÇÃO TEÓRICA SOBRE A NOVA DIREITA BRASILEIRA, BOLSONARISMO E REDES SOCIAIS

Miguel (2018) alerta que não é possível entender a “nova direita brasileira” como um bloco homogêneo, sem rupturas, clivagens e divergências. Ao reemergir no cenário político nacional, as novas direitas são constituídas por diversas vertentes, que podem até partilhar de inimigos comuns, como a esquerda e/ou o PT, mas que podem divergir em outros temas, como a atuação do Estado e pautas morais, por exemplo.

Para compreender uma das vertentes mais significativas da direita renovada brasileira e que começa a ganhar mais evidências, principalmente, pós-impeachment, uma direita radicalizada, que se personifica e desemboca não só na vitória de Bolsonaro no pleito de 2018, mas também em uma onda conservadora tanto na esfera federal como estadual, principalmente com nomes ligados ao capitão do exército e ao seu partido, Solano (2018) buscou identificar e mapear os principais elementos de identificação e representações simbólicas dos simpatizantes de Jair Bolsonaro, que permitiram sua ascensão política e chegada na Presidência da República.

De acordo com a autora, para entender o fenômeno do “Bolsonarismo” na esfera política, é preciso entender que as causas são múltiplas e complexas, não permitindo a redução a uma variável unidimensional. Segundo Solano (2018), a crise política que o Brasil vem enfrentando desde os últimos anos deixou espaços para a penetração e organização político-social das novas direitas no país. “Fatores conjunturais” e

⁵ Dissertação de Mestrado pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPFCOM-UFC), com apoio da agência em fomento à pesquisa CAPES e orientada pelo professor Dr. Alexandre Barbalho (UFC).

“estruturais” contribuíram para o crescimento e visibilidades desses grupos como, por exemplo: 1) Crise econômica (aumento das taxas de desemprego, da vulnerabilidade e da precariedade de amplas camadas populacionais); 2) Abusos da Operação Lava-Jato (existência de um judiciário militante que extrapolou suas funções e desequilibrou os poderes “judicializando” a política); 3) Antipolítica; 4) A existência de um Congresso pulverizado e de matriz conservadora, com a presença de muitos parlamentares descomprometidos com o processo democrático; 5) Crise institucional dos governos petistas e, conseqüentemente, o impeachment de Dilma; 6) Crescente penetração das igrejas evangélicas como articuladoras da sociabilidade.

Cabe aqui destacar que acreditamos que muitos desses elementos elencados pela pesquisadora serviram para a ascensão dessa direita renovada como um todo, apesar de prolixa; contudo, elementos específicos viabilizaram a identificação dos cidadãos-eleitores que potencializaram a chegada de uma direita mais extremada e antidemocrática ao poder, simbolizada na figura de Jair Bolsonaro.

A campanha de Bolsonaro não estava preocupada em apresentar um projeto para o país, mas, sim, procurou expressar e refletir o que as pessoas sentiam. O candidato à presidência soube canalizar o ódio pela política tradicional com os gargalos do país e transmitiu o seu discurso baseado no senso comum. “O ódio contra a política tradicional, contra a corrupção, contra a violência, contra as ameaças aos valores da família cristã, contra o ‘socialismo’ em todas as suas variantes” (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 66). Assim, o voto em Bolsonaro significava “dar o troco nos políticos”, colocar alguém de “fora” dos ciclos de poder. Ao utilizar o território comunicacional das plataformas digitais ao seu favor, Bolsonaro conseguiu conversar com grupos diferentes, sempre fomentando o imaginário da antipolítica.

Os eleitores não estavam procurando um gestor, alguém testado e preparado para “dar conta” do país. Tanto que os dois discursos ancorados na “experiência”, o de Geraldo Alckmin, pela centro-direita, e o de Ciro Gomes, pela centro-esquerda, não conseguiram ter o impacto mobilizador de preferências que muitos analistas esperavam. Os eleitores queriam “dar o troco” nos políticos e encontraram em Bolsonaro o líder que significava essa ruptura, que personalizava isso (MOURA; CORBELLINI, 2019, p. 69).

Dentro desse cenário, um conjunto diversificado de candidatos, até então alheios à política institucional, assimilou e reproduziu o discurso bolsonarista. Ao aplicá-lo em contextos locais, visavam conquistar votos, desencadeando, assim, a disseminação abrangente do projeto bolsonarista por todo o país.

DIREITA RADICAL, REDES SOCIAIS E ELEIÇÕES

A chegada da internet trouxe novas concepções para uma maior participação da sociedade, na qual poderia contribuir para uma política mais democrática e livre. Suas características principais, como: uma rede não centralizada, sem proprietários, aberta ao desenvolvimento de novas aplicações, independente da autorização de corporações ou Estados (SILVEIRA, 2015) permitiram o vislumbre de uma democracia digital com maior engajamento dos cidadãos.

Castells (2013) destaca que as redes favoreceram a criação de cenas de articulação e interatividade, que possibilitaram explosões sociais e rebeliões com destinações nas ruas. Em tese, a internet permitiria a possibilidade de governos mais transparentes, consultas online sobre temas públicos e canais que facilitariam o maior acesso aos parlamentares, por exemplo; porém, não foi que aconteceu de fato. A ideia de que a internet é um meio que fomenta a participação e, conseqüentemente, as causas de justiça, liberdade e igualdade não se sustenta empiricamente. *Fake News* (notícias falsas), monopólios virtuais e vários crimes cibernéticos perpetuaram o ciberespaço e a promessa de uma democracia digital sólida, interativa e igualitária nunca chegou. Como Silveira (2015, p. 215, 216 e 218) ressalta:

Entretanto, vozes como a de Evgeny Morozov questionavam o sentido libertador e progressista da internet. Para o pesquisador bielorusso, a internet poderia estar destruindo liberdade, favorecendo a fragmentação das ideologias, fortalecendo Estados totalitários e lideranças que aspiram a derrocada das democracias, bem como consolidando a supremacia dos mercados sobre sociedade. [...] Sem dúvida, as possibilidades de ação, articulação e emissão de opiniões com baixo custo para atingir milhares de pessoas têm possibilitado que causas com grande apelo fossem levadas às ruas a partir das redes. Mas o poder de organizar, agrupar e criar redes é um dos principais poderes da atualidade. Esse poder não está com as forças de esquerda, cujas redes ainda padecem da dificuldade de lidar com processos interativos e horizontalizados.

Para Silveira (2015, p. 215), as redes sociais passaram a ser ocupadas, de forma gradativa, por grupos culturais, religiosos e políticos de diferentes matrizes; o que beneficiou, em um primeiro momento, diversas perspectivas, inclusive grupos contrários à democracia e à liberdade. Sua arquitetura permitiu a apropriação de diversas culturas e subculturas. A ambivalência é uma característica da maioria das tecnologias, e não seria diferente na internet. “Assim, a internet aumenta o poder de quem se propõe articular suas ideias e realizar conversações. Não aumenta só o poder de quem defende a democracia, a justiça ou as causas mais caras para a humanidade”.

Com a chegada da internet e sua influência na sociedade, as estratégias de comunicação eleitoral também passaram por um processo de adequação a esse novo meio. Diante deste quadro de transformações, a evolução da tecnologia e das mídias digitais possibilitou o surgimento de novas formas e possibilidades de sociabilidade e de comunicação entre os indivíduos e as instituições. O internauta “receptor-produtor” não se apresenta mais como somente uma figura passiva, mas pode agora participar do processo de comunicação e na construção da informação. Se tornando agora um produtor de conteúdo, o internauta não é mais uma figura inerte, e é através das redes sociais que ele tem acesso e compartilha informação acerca de temas políticos, inclusive em épocas eleitorais (ROCHA, 2020).

Portanto, é preciso compreender as características e os potenciais das redes sociais e de como essas ferramentas estão sendo apropriadas para fins de disputa eleitoral, como explicam Aggio e Reis (2013, p. 8):

É pelos sites de redes sociais que grande parte daqueles que acessam a internet trafega para consumir e compartilhar informações, ingressar em discussões e debates, expor opiniões, fazer comentários, manifestar posições e interagir diretamente com outros usuários. Muitas dessas ações geram marcas e laços que podem ser seguidos e coletados para que departamentos competentes das campanhas produzam inferências sobre os desejos, predileções partidárias, posições ideológicas, histórico de envolvimento político e grau de influência que um usuário tem sobre outros usuários.

Assim, as redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram, por exemplo, configuram como uma oportunidade para que personalidades políticas avaliem se suas mensagens, tanto em períodos eleitorais como em seus mandatos, estão ou não sendo compreendidas e bem recebidas pelos internautas, ampliando o grau de exposição de

determinados posicionamentos políticos dos agentes eleitos (MARQUES; AQUINO; MIOLA, 2014).

Conforme a direita radical intensifica sua presença na arena política, utilizando os canais midiáticos, especialmente as redes sociais, para disseminar suas ideologias radicais e, em certas ocasiões, antidemocráticas, esse padrão de atuação ganha uma eficácia ainda maior durante os períodos eleitorais. Nesses momentos, seus representantes concentram esforços em conquistar votos e seduzir os eleitores, amplificando o impacto de suas estratégias.

A DIREITA RADICAL DESPERTA NO CEARÁ COM ANDRÉ FERNADES (PSL)

O *youtuber* André Fernandes nasceu em Iguatu (CE), município a aproximadamente 390 km de Fortaleza, e com apenas 20 anos foi o deputado estadual mais bem votado na Assembleia Legislativa do Ceará, além do parlamentar mais jovem eleito no país. Com quase meio milhão de inscritos no seu canal do YouTube e mais 1,5 milhão de seguidores no Facebook, na época, André recebeu 109.742 votos. André começou a ganhar visibilidade na internet em 2017⁶, quando publicou um vídeo intitulado “Destruindo a imagem falsa de Lula”, no qual criticou uma série de programas sociais dos governos petistas.

No mesmo ano, André também teve um vídeo que viralizou nas redes sociais após chamar o governado do Ceará, Camilo Santana (PT), de “frouxo”, ao criticar o aumento do número de homicídios no Estado. O jovem participou do curso de formação da Polícia Militar do Ceará (PM-CE)⁷ e foi estudante de economia e marketing, porém, foi em seus vídeos sobre política nas redes sociais que se destacou. Com um forte discurso de renovação política, André visitou cerca de 120 cidades pelo interior do estado, promovendo palestras pelo movimento “Endireita Ceará”⁸.

⁶ Aos 20 anos, YouTuber cearense André Fernandes é o deputado mais jovem do Brasil. **Diário do Nordeste**, 2018. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/aos-20-anos-youtuber-cearense-andre-fernandes-e-o-deputado-mais-jovem-do-brasil-1.2010970>>. Acesso em: 17 out. 2019.

⁷ De humorista da internet a militante pró-Bolsonaro: quem é André Fernandes. **O POVO**, 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/02/de-humorista-a-militante-pro-bolsonaro-quem-e-andre-fernandes.html>>. Acesso em: 15 out. 2019.

⁸ Grupo conservador defensor das ideias de Jair Bolsonaro no Ceará.

Militante pró-Bolsonaro, o jovem realizou carreatas defendendo a candidatura de Jair Bolsonaro durante o período eleitoral. Entre as suas propostas estão a luta contra o aborto, as drogas e a “bandidagem” como também a defesa da família tradicional e da inocência das crianças contra a “ideologia de gênero”, a implantação do projeto “Escola sem Partido” nas escolas cearenses e a defesa da Polícia Militar.

METODOLOGIA

Para atingirmos os nossos objetivos, utilizamos a metodologia de Análise do Conteúdo (AC) baseada em Bardin (1977), com as orientações de criação de categorias por Carlomagno e Da Rocha (2016).

Bardin (1977, p. 42), uma das principais referências quando se trata da aplicação desta metodologia, define Análise do Conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Bardin (1977) divide a Análise de Conteúdo em três grandes fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados e interpretação. Para a elaboração do Livro de Códigos, tomamos como referência principal o estudo multimétodo de Messemberg (2017). A autora conduziu grupos focais e coletou dados para sistematizar o que ela denomina de “ideias-força”, a fim de analisar as configurações simbólico-discursivas da direita brasileira, que ganhou maior relevância na arena política a partir de 2015, além, é claro, do referencial teórico e a exploração do material analisando durante o processo de codificação. Desta forma, foram criadas quatro categorias e suas respectivas subcategorias:

ANTIESQUERDA	CONSERVADORISMO	NEOLIBERALISMO	BOLSONARISMO
Antipetismo	Fundamentalismo religioso.	Liberalismo econômico.	Apoio a Jair Bolsonaro.
Anticomunismo	Apoio às Forças Armadas/ Profissionais de Segurança Pública.		Renovação política.
	Combate mais recrudescido contra a criminalidade.		
	Nacionalismo.		
	Contra pautas de diversidade sexual.		
	Antifeminismo.		

Fonte: elaborado pelo próprio autor.

Sobre a quantidade de material coletado, foram analisadas todas as publicações durante o período eleitoral permitido para campanhas online de acordo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), entre o dia 16 de agosto a 7 de outubro, incluindo imagem, texto, vídeo, GIFs e links de site de notícias.

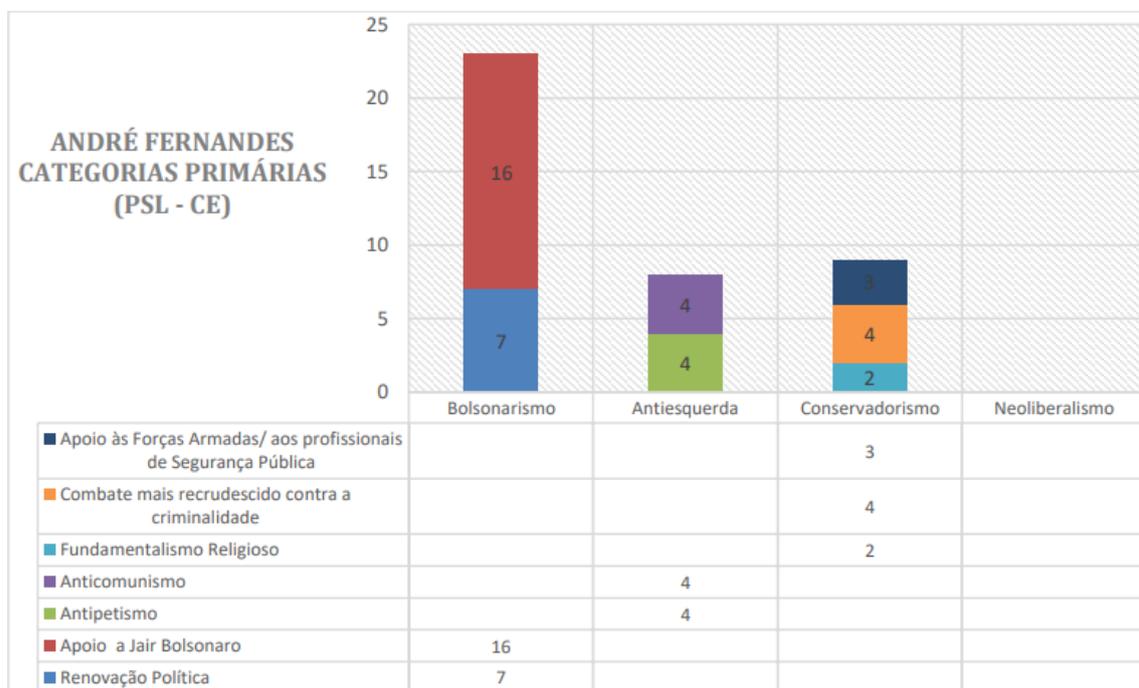
Apesar do protagonismo do WhatsApp durante as eleições, o Facebook ainda é uma das principais plataformas de caráter oficial, assim como Twitter e Instagram, utilizados pelos próprios candidatos na comunicação com os seus eleitores. Como o objetivo da pesquisa é analisar de que forma as tendências ideológicas manifestadas nos discursos pertencentes ao campo ultradireitista e conservador foram acionadas, dentro do espaço virtual, pelo ator político selecionado; então, recorreremos ao Facebook como plataforma de comunicação oficial.

Para a coleta do material, utilizou-se o aplicativo Netvizz, disponível no próprio Facebook. Ao contrário dos demais candidatos analisados, André Fernandes foi o único a apresentar um número baixo de postagens no Facebook durante a campanha. Foram coletadas apenas 45 postagens, no entanto, 5 delas não se enquadram nas categorias requeridas na pesquisa.

ANALISE DOS RESULTADOS

Abaixo, encontra-se o gráfico com a análise das estratégias discursivas de André Fernandes durante as eleições de 2018.

Gráfico 1 – Mapeamento dos elementos simbólicos do bolsonarismo presentes nas publicações do Facebook de André Fernandes (PSL-CE) durante as eleições de 2018.



Fonte: elaborado pelo autor.

André Fernandes teve a maior recorrência de publicações pertencentes à subcategoria Apoio a Jair Bolsonaro (16), da categoria Bolsonarismo. O jovem candidato buscou demonstrar também que apoia e é apoiado por Jair Bolsonaro nas eleições; que o seu líder político é o mais preparado para assumir a presidência, garantindo um caminho novo para o país; divulgou imagens de atividades de campanha a favor de Bolsonaro; demonstrou sua revolta sobre o atentado contra o presidente no dia 6 de setembro, em Juiz de Fora (MG), durante as eleições, e desejou forças para recuperação “do futuro presidente da República”.

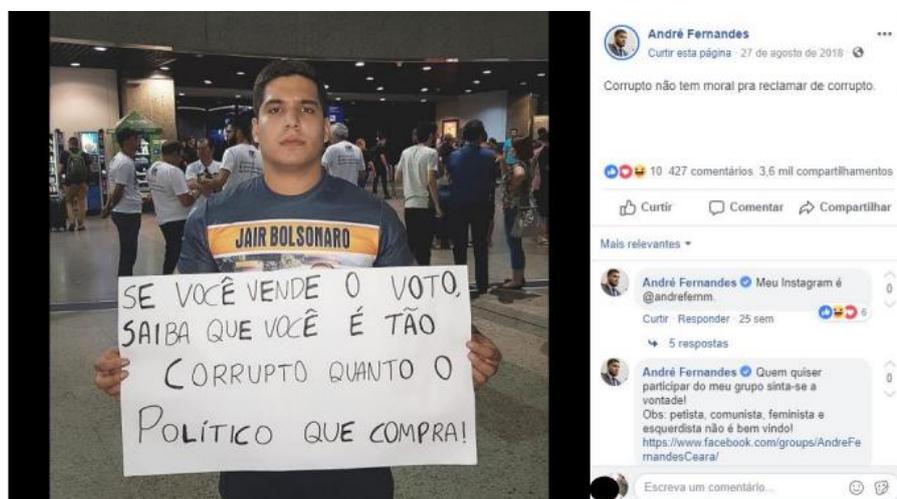
Figura 1 – Exemplo de publicação da subcategoria Apoio a Jair Bolsonaro, pertencente à categoria Bolsonarismo.



Fonte: Página oficial de André Fernandes no Facebook.

Como segunda estratégia discursiva mais utilizada, André Fernandes recorreu à Renovação Política (7), subcategoria também da categoria Bolsonarismo. O candidato objetivou construir a imagem de mudança diante do descaso da política tradicional; prometeu abrir mão dos auxílios políticos “imorais”, combater privilégios e a corrupção; além de ser contra a práticas eleitorais ilícitas, como compra de votos.

Figura 2 – Exemplo de publicação da subcategoria Renovação Política, pertencente à categoria Bolsonarismo.



Fonte: Página oficial de André Fernandes no Facebook.

Como terceira estratégia discursiva mais acionada, houve empate nas subcategorias Antipetismo (4) e Anticomunismo (4) da categoria Antiesquerda. Na primeira categoria, André Fernandes fez críticas à candidatura do ex-presidente Lula da Silva e de quem declarava voto ao petista; explicou as possíveis provas contra o ex-presidente e indignou-se com seus apoiadores, intitulado-os de “massa de manobra”; além de comemorar o indeferimento da candidatura do petista pelo TSE. Já na segunda categoria, o candidato criticou o “politicamente correto” e a troca de valores promovidos pela esquerda brasileira; acusou o presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, de “ditador comunista” por fechar igrejas; e indignou-se com um vídeo postado por ele com imagens de militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e do Partido dos Trabalhadores (PT).

Empatado com as duas subcategorias da categoria Antiesquerda, a subcategoria Combate mais recrudescido contra a criminalidade (4) também ficou em terceiro lugar das estratégias discursivas mais utilizadas. André Fernandes criticou os defensores dos direitos para presidiários, como o auxílio-reclusão e visita íntima; propôs o trabalho obrigatório para os detentos; e defendeu o uso de “mais violência” para combater mais a violência.

Em penúltimo lugar, André Fernandes buscou acionar o discurso de Apoio às Forças Armadas/ aos profissionais de Segurança Pública (3), da categoria Conservadorismo, para conquistar seus eleitores. O candidato criticou a falta de reconhecimento da sociedade diante da morte de policiais; cobrou respeito aos policiais militares e a volta da autoridade militar; cobrou melhorias salariais para estes; solidarizou-se com as famílias dos policiais mortos em serviço; e enalteceu os colégios militares.

Por fim, André Fernandes recorreu ao Fundamentalismo Religioso (2) para construir seu discurso durante as eleições. Criticou a candidata Marina Silva (Rede) que, segundo ele, não representava a população evangélica, pois se “esquivava” de pautas importantes, como o aborto e as pautas de diversidade sexual – pautas que sofrem resistência no meio evangélico; além de mostrar um vídeo em um evento religioso, no qual mostra André recebendo oração de um suposto pastor, que o colocou como um enviado de Deus, para representá-lo na política e mudar o Brasil.

CONCLUSÃO

Podemos inferir, a partir das análises propostas para essa investigação, que os discursos predominantes do candidato analisado tiveram em sua recorrência a existência de pautas morais com caráter populista. O que compreendemos após os estudos durante a campanha eleitoral de 2018 é a reafirmação de um fenômeno conhecido como Guerra Cultural, debate que surgiu com a ascensão da extrema direita pelo mundo (SOLANO; ORTELLADO, 2017), no qual pautas morais precedem o discurso político-econômico; o discurso liberal na economia não foi acionado pelo candidato.

De acordo com Solano e Ortellado (2017), a antiga polarização entre a direita liberal, que priorizava a meritocracia e o livre-comércio, e a esquerda, que defendia a intervenção estatal para promover a justiça social, foi substituída por um novo confronto: um conservadorismo punitivo x um progressismo compreensivo. O termo Guerras Culturais foi criado por James Hunter, no início dos anos 90, nos EUA, a partir da publicação do seu livro *Cultural Wars*. Assim, os conservadores são definidos por um compromisso com uma autoridade moral definida e hereditária; já os progressistas, com uma moral moderna e subjetivista. A dupla de autores trazem Hartman (1991) para esclarecer que a gênese desse fenômeno surgiu a partir de uma reação aos questionamentos sociais pela contracultura nos anos 70 e confrontos das identidades coletivas propostas pelos novos movimentos sociais e o discurso pós-moderno.

Costuma-se atribuir a James Hunter a precisa identificação do fenômeno e a difusão do termo “guerras culturais” para se referir ao processo pelo qual temas como o direito dos homossexuais, a legalização do aborto, o controle de armas e a legalização das drogas passaram a ganhar proeminência no debate político americano no final dos anos 1980, opondo “conservadores” a “progressistas” (SOLANO; ORTELLADO, 2017, p. 3).

Dessa forma, na maioria das vezes, percebe-se que no discurso desses atores prevalece mais a pauta moral do que a pauta política e/ou econômica. Antes, o discurso moral era instrumentalizado pelo político, agora, acontece o inverso. O que percebemos é que os candidatos bolsonaristas apresentam características comuns como o punitivismo, o moralismo religioso, a antipolítica e a crítica às esquerdas brasileiras, sobretudo, o PT.

Esses fatores oferecem uma maior coerência interna e identidade ao grupo. Solano e Ortellado (2017, p. 12) resumem as características desse grupo como uma “identidade conservadora não neoliberal, punitiva, que toma forma num populismo antipetista e antipolítico”.

Como Cervi (2002) explica, qualquer democracia em que as eleições são respeitadas há a possibilidade de a elite política ser substituída por grupos que não fazem parte da política tradicional. Para o autor, quando um político *outsider* apresenta uma estratégia direta com os eleitores e tem como objetivo transformar o “povo” em objeto dos seus discursos, ao invés de sujeitos, recebe o nome de populista. Cervi (2002, p. 3) traz o conceito de neopopulismo para identificar esse fenômeno pós-ditadura na América Latina. Os neopopulistas conseguem manter uma afinidade maior e constante de acordo com as predisposições do conjunto de eleitores.

Por fim, apesar de apresentar resultados parciais, defendemos a importância de estudar o passado recente para compreender o bolsonarismo como um fenômeno atual e seus elementos ideológicos-discursivos. Nesse sentido, é crucial que o campo da Comunicação una esforços com outras áreas interdisciplinares para investigar esse movimento.

REFERÊNCIAS

AGGIO, C.; REIS, L. S. Campanha Eleitoral no Facebook: Usos, configurações e o papel atribuído a este site pelos candidatos durante as eleições municipais de 2012. **Revista Compólitica**, v. 3, n. 2, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARLOMAGNO, Márcio C.; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, v. 7, n. 1, 2016.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERVI, E. U. **Rádio e renovação política em eleições majoritárias**: As vitórias eleitorais de prefeitos/radialistas em Londrina e Ponta Grossa. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; AQUINO, Jakson Alves de; MIOLA, Edna. Parlamentares, representação política e redes sociais digitais: perfis de uso do Twitter na Câmara dos Deputados. **Opinião Pública**, v. 20, n. 2, p. 178-203, 2014.

MASHUCHIN, Michele; TAVARES, Camila. **Modernização das campanhas e estratégias eleitorais**: os padrões de uso da intenção nas eleições de 2014. Portal Compólitica - GT 2, 2015.

Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wpcontent/uploads/2015/04/GT2-Massuchin-e-Tavares.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2016.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, vol. 32, p. 621- 648, 2017.

MIGUEL, Luís Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MOURA, Maurício; CORBELLINI, Juliano. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu**. Record, 2019.

ROCHA, Rafael. **Bolsonarismo, eleições e redes sociais: uma análise das estratégias discursivas dos deputados supervotados do PSL no Facebook**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará (UFC). Ceará, 2020.

SILVEIRA, Sérgio A. Direita nas redes sociais online. In: CRUZ, S. V.; KAYSEL, A.; CODAS, G. (org.). **Direita, volver!:** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Perseu Abramo, 2015.

SOLANO, E.; ORTELLADO, P.; MORETTO, M. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações de apoio a Lava Jato e conta a reforma da previdência. **Em Debate**, vol. 10, 2019.

SOLANO, Esther. Crise da democracia e extremismos de direita. **Análise**, vol. 42, p. 1-29, 2018.